

Memória Fragmentada

Ventríloqu

O que senti? Hum. Ouvi o impacto seco e doloroso. Como se de um peso morto a embater no chão se tratasse. Um encontro que subitamente invade a realidade inteira e que cede, de imediato, lugar à confusão. Único, sem eco. Caído no esquecimento. Num ápice, o som cujo rasto se materializa em sangue derramado na estrada preta dá forma a um corpo fingindo a morte.

Estávamos à procura de um táxi. Ela tinha bebido mais do que devia e eu estava cansado. Dizia que gostava de mim, que me amava. Que não era a cerveja a falar - que brusco; não era! Era real. Tinha que acreditar. Queríamos ir para casa há mais de meia hora; não havia quem nos levasse. Vagueámos pelo Cais do Sodré. A diversão enchia a noite. Ouvimos cantos desafinados a cada esquina. Passámos por inúmeros mundos paralelos. Com os copos bem altos, brindámos rapidamente à vida com dois estrangeiros sedentos de companhia. Ela dizia que queria dormir comigo. Andámos e andámos, até que vi um táxi do outro lado da estrada.

Estávamos à frente do Mercado da Ribeira.

Atravessei a estrada.

Seguiste-me.

Menos de um segundo antes, virei a cara. Estava uma noite quente, o céu estava limpo. Eram já horas para ter juízo. Travão a fundo. Explosão metálica. Vi-te no céu. Um arrepio anárquico possuiu-me instantaneamente. O caminho foi-te barrado e, talvez por vergonha, enterraste-te com a força toda no alcatrão. Corri. Ajoelhei-me e berrei o teu nome, quase como se estivesse a rezar. Que inutilidade. Peguei na tua cabeça inconsciente. Cobri os teus peitos descobertos. Várias pessoas ajudaram. Várias pessoas olharam. Agarrei na tua mão. Verifiquei se o teu coração ainda gerava vida. Recusei a ideia de me encontrar perante um cadáver. Era impensável; porém, não era impossível.

Julguei-me num filme sendo visto por milhares de pessoas numa imensa sala de cinema. Não era real. Não, não é real, porra!

Havia máscaras por todo o lado. Máscaras por cima de máscaras. Cansado como estava, sentei-me num degrau. Ora vinho, ora cerveja. Não parava. “Cocaína? Haxixe?”. Não, obrigado. Observava as cores melancólicas e as pessoas frouxas. A noite ainda não ia a meio; ela já tinha emborcado sete cervejas. Estava à espera que se cansasse de lá estar para irmos embora. O caos desfilava diante de mim. Ela estava a falar com uma pessoa cuja cara me era familiar. Já o tinha visto uma ou outra vez, aqui ou noutra sítio qualquer. Ria-se de comentários banais, perguntava perguntas frívolas - procuravam quase desesperadamente o toque um do outro. Procurei algum conforto no chão rosa. Um chão de rua rosa. Um chão de rua rosa... Tentei encontrar algum significado metafísico, algum símbolo transcendental para este soalho meio colorido. Esperança cândida numa noite escura? Beleza emporcalhada de álcool, beatas, copos de plástico, garrafas vazias, luvas esquecidas e dinheiro perdido? Que clichê. Apenas senti repulsa. Sentado e magoado, com a cabeça encostada à parede mais próxima, observava as quedas humanas pairarem sobre o Cais do Sodré, subindo até ao louco labirinto que é o Bairro Alto, alastrando-se, como de costume, por Lisboa inteira.

Começou com um ligeiro aperto. Pensei que estava a alucinar. Senti de novo, desta vez com mais força. Estavas a apertar-me a mão. Vi-te em terra, finalmente. Começaste por abrir lentamente os olhos. Não sei se para mim ou para ti, repetia que estava tudo bem.

Vais viver. Está tudo bem. Não percebias porque é que estavas no meio da estrada. Não, não percebias. “Foste atropelada”. Mas está tudo bem. “O quê?”. Senti o teu sangue a escorrer pela minha mão. Não chorei. Nesse momento, amei-te.

Amei-te por dor. Amei-te por confusão. Amei-te por empatia. Amei-te por obrigação. Amei-te e pronto. Não foi um amor puro; amei-te rancorosamente. Amei-te porque só podia amar. Amei-te porque enterraste-me contigo e tínhamos que nos suportar eternamente. Sangrávamos.

Perguntei-te como é que te chamavas. Perguntei-te quem é que eu era. Querias ir para casa. Não percebias e só querias ir para casa.

“Vai querer mais um copo?”

“Hoje é dia de festa! Queremos é mais uma garrafa!”

Pratos voavam, nós corríamos, vocês riam-se. Já faltava pouco. Atrás do balcão, ela preparava as bebidas. Várias foram as vezes que fingi buscar algo atrás dela apenas para lhe dar um beijo discreto. Mas ela não reagia. Três pedidos para a mesa um; cuidado,

acabou de sair do forno; mais dois cafés. Depois foi simples: arrumar as cadeiras, limpar as mesas. Foi um dia intenso. Doía-me a sola dos pés. Queria acabar o que tinha para fazer e ir para casa. Mas ela insistiu para eu acompanhá-la. Tinha uns amigos à espera dela. Vem! Amanhã é feriado; hoje é para arrebentar!, dizia, distraída.

Amava-a; fui com ela.

Foste atropelada.

“Fui atropelada”.

Sim, foste.

E da pretidão da estrada, renasceste.

Berravas. Imploravas. “Não me deixes, não me deixes por favor, por favor não me deixes sozinha”. A tua voz chorava. Viste-me no céu limpo. “Não quero morrer”. Não quero morrer, diz o cadáver que voou e que já não é o mesmo. Entraste na ambulância. Não querias que te abandonasse.

Da estrada imóvel, do metal derramado, do sangue deformado; cheirou-me a desespero.

As minhas pernas, ainda geladas pelo eterno embate metálico, começaram a tremer. Sentei-me no chão. Aqui poderia ter sido o final de uma vida. A pretidão da estrada penetrou-me e remexeu-me. Somos eternos mortais. Somos livres porque nada somos. A estrada quebrou-me as máscaras.

Que triste sítio para morrer.

Eram seis da manhã; estava cansado e desperto. Na rua, fatos mórbidos deambulavam com cervejas na mão e cigarros na boca. Era dia dois de novembro. Continuava a tremer. Era dia dos Mortos.